

# CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS DISCENTES NA ODONTOLOGIA

Marcos de Oliveira Junior<sup>1</sup>

Flávio de Freitas Mattos<sup>1</sup>

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar contribuições oriundas da experiência dos estudantes de graduação da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais no programa Ciência sem Fronteiras. Foram entrevistados os alunos que retornaram do intercâmbio até fevereiro de 2015. Os dados foram interpretados por meio da análise de conteúdo e divididos em núcleos temáticos: contribuições para o campo pessoal, profissional e acadêmico, além de avaliações e sugestões para o aprimoramento do programa. Os resultados apontaram que o intercâmbio propiciou desenvolvimento de independência, comunicação e pensamento crítico. Os entrevistados destacaram a ampliação da experiência na graduação e a obtenção de novos conhecimentos. Eles perceberam diferenças no perfil dos pacientes e na atuação dos cirurgiões-dentistas do exterior. O programa foi avaliado como positivo, porém, com deficiências na comunicação entre os bolsistas e as entidades responsáveis, exigindo melhor assistência e reconhecimento dos saberes trazidos pelos estudantes ao retornarem para o Brasil.

**Palavras-chave:** Intercâmbio educacional internacional. Educação superior. Odontologia. Ciência sem Fronteiras.

Recebido em: 07/03/2017

Aprovado em: 29/09/2017

---

<sup>1</sup> Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

# SCIENCE WITHOUT BORDERS: STUDENT'S EXPERIENCES IN DENTISTRY

Marcos de Oliveira Junior

Flávio de Freitas Mattos

## ABSTRACT

This study aimed to identify contributions from Science without Borders experience to undergraduates from Dental School of the Federal University of Minas Gerais. Students who had returned until in February 2015 were interviewed. Data was interpreted using content analysis and divided into thematic cores: personal, professional and academic scope contributions, and evaluations and suggestions to the program enhancement. The results showed that studying abroad enabled independence, communication and critical thinking development. The interviewed students highlighted graduation extension experience and new knowledge achievement. Professionally, the students perceived differences on patient's profile and on foreign dentists' procedures. The interviewed assessed the program as positive. However, it presented some communication deficiencies between students and responsible entities. The undergraduates demanded better assistance and recognition of knowledge brought by them when returning to Brazil.

**Keywords:** International educational exchange. Graduate education. Dentistry. Science without Borders.

Received on: 07/03/2017  
Approved on: 29/09/2017

## INTRODUÇÃO

Em meio aos encontros para a cooperação em educação, ciência e tecnologia entre Brasil e Estados Unidos, foi anunciado o início das atividades do programa Ciência sem Fronteiras (CsF) em abril 2012, que uniu forças com o programa norte-americano *U.S. 100,000 Strong in Americas* (IPEA, 2012; SPEARS, 2014).

Instituído pelo decreto nº 7.642, em 13 de dezembro de 2011, o CsF tem como meta o desenvolvimento da tecnologia brasileira por meio da mobilidade internacional de estudantes brasileiros, assim como a atração de pesquisadores de outros países para o Brasil (BRASIL, 2011).

O programa implementou bolsas financiadas pelo Governo Federal e pela iniciativa privada, nas modalidades de doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado, graduação sanduíche, desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior, atração de jovens talentos e pesquisador visitante especial, sendo as duas últimas modalidades desenvolvidas no Brasil (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015a; BRASIL, 2011).

Os pré-requisitos do programa constituíam-se em ser brasileiro ou naturalizado, estar regularmente matriculado em uma instituição de ensino superior no Brasil, ter classificação mínima no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) realizado a partir de 2009, ter bom desempenho acadêmico e ter concluído entre 20% e 90% do currículo do seu curso de graduação (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015b). Os estudantes contemplados pelo programa deveriam pertencer a cursos de áreas relacionadas com tecnologia, ciência e inovação. O curso de Odontologia se insere nas áreas de biologia, ciências biomédicas e saúde (BRASIL, 2013). Desde a implantação do programa até janeiro de 2016, 92.880 bolsas foram implementadas. Desse total, 73.353 eram da modalidade graduação sanduíche. As inscrições para graduação sanduíche pelo programa estavam encerradas desde setembro de 2014 (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016; 2017).

Discussões sobre a internacionalização da educação remontam à primeira metade do século XX, com a conferência internacional *A paz pela escola*. Em Praga, no ano de 1927, cientistas argumentavam que a busca pela paz por meio da cooperação internacional deveria estender-

se para além da esfera política e jurídica, envolvendo também a educação e promovendo nos alunos sentimento de compromisso quanto à manutenção da paz mundial (LOUREIRO, 2015).

Mungazi (2001) localiza o final da Segunda Guerra Mundial como o início de uma ampla circulação de estudantes universitários pelo mundo, estratégia para evitar futuros conflitos. Experiências educacionais internacionais passaram a ser financiadas pelo governo dos Estados Unidos, como meio de promover a tolerância a diferenças culturais.

Com a modernização do Brasil no final do século XX, o país passou a lançar mão da internacionalização do ensino superior como forma de destacar a economia nacional, e famílias de classe média passaram a investir extensivamente em estudos no exterior (SPEARS, 2014; NOGUEIRA *et al.*, 2008).

Investimentos do governo brasileiro na mobilidade internacional tornaram-na mais acessível, e o número de estudantes brasileiros que passaram por universidades norte-americanas saltou de cerca de 1.000 para 9.029 entre os anos 2000 e 2012 (BHANDARI; BLUMENTHAL, 2009).

Ao analisar relatos de alunos de Odontologia e Enfermagem dos Estados Unidos sobre experiências estudantis no Marrocos, percebe-se a ampliação dos seus conhecimentos, como com o desenvolvimento de competências relacionadas à cultura, à religião e à prática de saúde, além da inspiração para usar esses novos conhecimentos em seu próprio país (PURI *et al.*, 2013). Outras aptidões desenvolvidas e mencionadas por alunos em intercâmbio foram autoconfiança e habilidades para a comunicação pessoal.

Por outro lado, outros relatos apontam obstáculos na mobilidade estudantil internacional. Estudantes estrangeiros na Austrália, por exemplo, reconheceram que a língua é um obstáculo, especialmente nas discussões em sala de aula, dificultando a interlocução de ideias (LEE, 2004).

Diante da transformação do cenário educacional, causada por investimentos do governo brasileiro na mobilidade internacional e pela existência de poucas pesquisas relacionadas ao CsF, torna-se importante avaliar o programa quanto a sua relevância para os alunos de graduação, particularmente para discentes de Odontologia, e compartilhar as suas experiências durante os estudos no exterior.

## **METODOLOGIA**

Este estudo qualitativo utilizou entrevistas semiestruturadas com os estudantes do primeiro grupo de alunos da Faculdade de Odontologia-UFMG (FO-UFMG) que participaram do CsF na modalidade graduação sanduíche e que retornaram ao Brasil até fevereiro de 2015. O método de entrevista foi escolhido para que as experiências de intercâmbio de cada participante pudessem ser comparadas, colhendo-se os relatos individualmente (MINAYO, 2014).

Os alunos foram convidados pessoalmente a participar da pesquisa, recebendo as devidas explicações sobre ela. Em horário previamente agendado, as entrevistas foram realizadas individualmente após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Os relatos de experiência foram conduzidos com a ajuda de um roteiro de entrevista, instrumento que possibilita a coleta de dados por meio de perguntas conduzidas como questões centrais, abordando os núcleos temáticos do estudo. Simultaneamente, o roteiro de entrevista permitiu a abertura para a livre expressão do entrevistado (MINAYO, 2014). A primeira entrevista foi conduzida como piloto, de modo a aprimorar o instrumento de pesquisa, mas também foi considerada na análise dos resultados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma literal. Nessa etapa, procurou-se favorecer o entendimento e adaptar a linguagem com pequenas correções gramaticais.

Os alunos foram caracterizados por idade, gênero, estágio de desenvolvimento no curso previamente ao intercâmbio, período atual do percurso da graduação na FO-UFMG e também país de onde retornaram. Foram identificados no texto por números sequenciais, para garantir-lhes o anonimato. Este estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

### **Análise dos dados**

A metodologia qualitativa proposta neste estudo objetivou investigar opiniões, atitudes, valores e crenças. Para tal, recorreu-se à análise de conteúdo. Dessa forma, buscou-se identificar indagações e informações que poderiam estar subjacentes aos conteúdos revelados nas falas (MINAYO, 2014). Os resultados não podem ser interpretados como provas indiscutíveis. Antes disso, devem ser interpretados como registros capazes de corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em questão (BARDIN, 2011).

Os temas abordados nas entrevistas foram identificados como núcleos temáticos. Por meio deles, objetivou-se uma unidade de significação que se destacasse naturalmente ao longo das entrevistas (BARDIN, 2011). Foram trabalhados quatro núcleos: contribuições para o campo pessoal, profissional e acadêmico, além de avaliações do programa Ciência sem Fronteiras e sugestões de aprimoramento.

Após as entrevistas serem transcritas, foram realizadas leituras sucessivas e minuciosas do material, que foi organizado no intuito de destacar e selecionar os pontos mais relevantes relacionados ao objetivo deste estudo (MINAYO, 2014). Na fase de pré-análise das entrevistas, foram levantadas questões e formuladas hipóteses, tendo-se como pressuposto que a mobilidade internacional contribui para a ampliação das experiências dos estudantes na graduação. Num segundo momento, os temas centrais foram categorizados de acordo com os núcleos temáticos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Seis dos entrevistados eram do gênero feminino e dois do gênero masculino. As idades variaram entre 22 e 26 anos. Quatro dos entrevistados realizaram seus estudos na Austrália, três em Sydney, e um em Melbourne; dois na Inglaterra, em Londres e em Wolverhampton; um em Portugal, em Coimbra; e um na Hungria, em Debrecen.

### **Aspectos relativos ao campo pessoal**

Os entrevistados foram unânimes em dizer que a experiência resultou em desenvolvimento pessoal, contribuindo para mudanças no modo de pensar e lidar com as pessoas e as diferentes situações do cotidiano. A distância da família, a convivência com diferentes culturas e as experiências inéditas foram alguns dos fatores citados como indutores da ampliação do desenvolvimento e amadurecimento pessoal. De acordo com Bubadué *et al.* (2013) e Enskär *et al.* (2011), o contato com a cultura e os idiomas estrangeiros, além da independência adquirida, são aprendizados importantes durante o intercâmbio e viabilizam o crescimento pessoal. Resolver problemas diretamente pode propiciar o desenvolvimento da autoconfiança e de habilidades de comunicação (LEE, 2004; ENSKÄR *et al.*, 2011).

A experiência do intercâmbio proporcionou, também, uma maior visão crítica aos estudantes sobre os problemas em seu próprio país, além do desejo de promover mudanças. O contato com diferentes culturas, religiões e serviços de saúde pode também inspirá-los a aplicarem esse conhecimento em seu país de origem, o que os autores chamam de aprendizagem bidirecional (PURI *et al.*, 2013).

Uma dificuldade apontada pelos participantes foi a falta de domínio do idioma estrangeiro. Dentre as diferenças culturais entre o país de origem e o país de intercâmbio, a língua é citada pelos estudantes como umas das principais barreiras a serem superadas (PURI *et al.*, 2013; LEE, 2004; HELLSTÉN; PRESCOTT, 2004).

Abordados sobre as diferenças culturais durante a mobilidade internacional, os entrevistados observaram que os brasileiros são mais conservadores e tendem a se preocupar mais com o comportamento e a aparência dos outros indivíduos quando comparados a pessoas de outras nacionalidades com as quais conviveram no exterior:

*[Na Austrália], eles não estão nem aí para o que os outros estão pensando e aqui, no Brasil [...] as pessoas são muito mais conservadoras e estão preocupando muito no que o outro vai pensar (Entrevistado 8).*

A percepção dos entrevistados pode ter relação com a teoria das dimensões culturais de Hofstede, em que o Brasil é classificado como culturalmente coletivista. Os brasileiros tendem a pertencer a grupos que cuidam de si mesmos em troca de lealdade, e todos assumem a responsabilidade pelos outros membros do grupo. Do contrário, em sociedades individualistas como no Reino Unido, Hungria e Austrália, as pessoas devem preocupar-se apenas com elas mesmas e familiares próximos (THE HOFSTEDE CENTRE, 2015).

Alguns participantes relataram a oportunidade de conhecer muitas outras culturas além da do país de intercâmbio, principalmente por estudarem e morarem com pessoas de diferentes nacionalidades. Por outro lado, o Entrevistado 6 considerou o intercâmbio como uma boa oportunidade para ampliar os conhecimentos sobre a cultura do seu próprio país, proporcionada pela convivência com brasileiros de várias regiões do Brasil. O estudante destacou ainda em seu relato sentir-se melhor acolhido por pessoas da mesma nacionalidade que a sua.

Sobre as percepções que tiveram quanto aos hábitos ligados à saúde bucal dos estrangeiros em comparação com os dos brasileiros, os entrevistados destacaram divergências na escovação dos estudantes de odontologia e na orientação profissional dos dentistas estrangeiros. Hábitos de alimentação e tabagismo foram citados também como possíveis causas das diferenças nas condições de saúde bucal dos estrangeiros.

*[...] Foi unânime entre eles que [...] os dentistas falam para escovar duas vezes por dia. De manhã e à noite. À tarde eles não têm esse costume [...] e, com relação ao fio dental, o que me falaram é apenas uma vez por semana [...]* (Entrevistado 8).

Os entrevistados, ao retornarem para o Brasil, puderam estabelecer comparação entre pontos positivos e negativos em relação ao país de intercâmbio, mensurando semelhanças e diferenças no que se refere à segurança pública e à infraestrutura.

*Em Debrecen eu nunca vi roubo [...]. Poderia sair na rua a qualquer hora. Eu não tinha medo como eu tenho aqui no Brasil* (Entrevistado 2).

*[...] lá a gente tem muito transporte público. Eles fazem um sistema que eu acredito que seja... Não posso dizer correto. Que seja... Mais aceitável, [...] para a sociedade [...]* (Entrevistado 3).

Por outro lado, alguns participantes deram ênfase aos aspectos sociais como relacionamentos interpessoais, independência e contato com culturas diferentes das deles, corroborando outros estudos (LEE, 2004).

*[...] a independência lá foi uma coisa para mim que foi muito bom, porque eu queria [...] ter um tempo para mim. É muito importante você ficar sozinho, para você se descobrir também, para você ver como você reage a algumas situações sem ter ninguém para te ajudar [...]. A Austrália é um país muito multicultural, então, você encontra gente de todo jeito, de todo canto [...]* (Entrevistado 8).

### **Aspectos relativos ao campo acadêmico**

Entre os entrevistados, dois cursaram matérias de saúde pública, um cursou de ciências biomédicas, e um cursou cadeiras de ciências. Quatro estudantes cursaram Odontologia nas universidades de Sydney, Debrecen e Coimbra. Denominado *Doctor of Dental Medicine*, na Universidade de Sydney, o curso de “Doutor em Medicina Dentária” funciona como uma pós-

graduação, em que o aluno deve ter cursado disciplinas ou se graduado em um dos cursos de bacharelado exigidos pela instituição. O curso possui quatro anos de duração, além da graduação (THE UNIVERSITY OF SYDNEY, 2015).

A Universidade de Debrecen possui um currículo semelhante ao da FO-UFMG, com matérias como Biofísica, Genética e Materiais Dentários. O curso Odontologia da universidade húngara possui cinco anos de duração, e o seu currículo se difere na inclusão de matérias usuais do currículo da Medicina (UNIVERSITY OF DEBRECEN MEDICAL SCHOOL, 2015). Na Universidade de Coimbra, o curso tem o nome de Medicina Dentária. O currículo possui semelhanças com o currículo da FO-UFMG, mas se destoa por ter mais disciplinas preparatórias para as atividades clínicas, chamadas de “Unidades Pré-Clínicas”. O curso também possui matérias de medicina (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2015).

Quando perguntados sobre a relevância das disciplinas equivalentes às do ciclo básico da FO-UFMG, cursadas no exterior, estudantes que frequentaram o curso de Odontologia no intercâmbio relataram que tais disciplinas foram pouco relevantes, já que não foram aceitas como equivalentes:

*Não [foram relevantes para a minha formação acadêmica], mas foram relevantes para a minha vida [...]. Porque aqui no Brasil, por enquanto, eles não aceitaram as disciplinas, apesar de que falaram que vão colocar no meu currículo, né? E... foram importantes, porque eu consigo [...] ter uma visão mais ampla, não só da boca, mas em relação àquilo que a gente fala de tratar o paciente como um todo (Entrevistado 7).*

Entretanto, percebem-se contradições na fala do Entrevistado 7, pois a abordagem integral do paciente é uma importante contribuição para a formação acadêmica. Além disso, os estudantes entrevistados que frequentaram disciplinas do ciclo básico de outros cursos, como Saúde Pública e Biomedicina, consideraram-nas significativas academicamente. Isso fica claro no seguinte relato:

*[...] foram [relevantes] sim, principalmente porque eu fiz matérias relacionadas à farmacologia, que está relacionada à odontologia e também, no segundo semestre, eu fiz umas matérias de saúde pública que eu acho que vão ter grande valia para mim no futuro (Entrevistado 6).*

Sobre as experiências positivas e negativas da mobilidade internacional na formação acadêmica dos estudantes, registrou-se um relato em que o Entrevistado 3 considerou as disciplinas pouco significativas. No entanto, ele destaca diferenças entre a formação no seu curso de origem e no intercâmbio, refletindo sobre as duas abordagens.

*[As disciplinas] não foram muito relevantes não, porque [...] tinha acabado de ser implementada [...] a possibilidade de fazer o curso de Odontologia, a gente só pegou matérias básicas, né? Então, por exemplo, quando a gente teve Periodontia (no exterior), a gente aprendia como fazer a raspagem coronária em manequim, uma coisa que aqui no Brasil a gente nunca treinaria. [...] Lá em Sydney, quando a gente fazia essa raspagem em manequim, os professores sentavam e ensinavam pra gente, por exemplo, sobre ergonomia [...] (Entrevistado 3).*

Os relatos dos entrevistados, mesmo que por vezes contraditórios, revelam de maneira geral o predomínio de uma avaliação positiva quanto à formação acadêmica no exterior.

*[...] além de vivenciar e aprender novos métodos de ensino, eu acho que eu consegui ter uns ganhos para a minha vida acadêmica, como por exemplo, basicamente decidi o que eu vou querer estudar no futuro com as matérias que eu fiz no exterior e também, na parte de ciências, eu tive muita experiência em laboratório. Isso é uma coisa que eu não tive tanto aqui no Brasil (Entrevistado 6).*

O Entrevistado 6 indicou em seus relatos o desejo de continuar os estudos no futuro, motivado pelas vivências acadêmicas no intercâmbio. Puri *et al.* (2013) afirmam que as experiências acadêmicas no exterior frequentemente podem incentivar os intercambistas a estudarem mais após o fim da graduação. Ou seja, o intercâmbio é importante para a carreira (ENSKÄR *et al.*, 2011).

A experiência acadêmica e profissional no âmbito internacional pode instigar também o desenvolvimento de habilidades de entendimento, respeito e melhor abordagem de pessoas de culturas diversas (ENSKÄR *et al.*, 2011; PURI *et al.*, 2013). Aqui, destaca-se o relato de um dos estudantes que citou mudanças na sua percepção da abordagem dos pacientes:

*[...] o profissional da saúde, tanto médico como dentista, ele vê que, às vezes, na cultura do outro, a gente tem que ter mais respeito. [...] A maneira mesmo que o profissional vai lidar com o paciente. Isso para mim mudou muito, desde que eu voltei do CsF, a maneira, a relação, entre paciente e profissional (Entrevistado 2).*

Comparando-se os métodos de ensino no Brasil e no exterior, foi relatado que disciplinas equivalentes ao currículo brasileiro de Medicina eram obrigatórias para alunos de Odontologia no exterior e que os estudantes participavam de discussões de casos hipotéticos sob as perspectivas médicas.

Além disso, o fato de haver menor número de aulas no exterior, comparado ao Brasil, demanda uma maior autonomia dos estudantes em relação às metodologias de aprendizagem.

*Eu achei que, como a gente tinha menos aulas por semana, três dias de aula por semana [...]. Lá na universidade eles esperam mais do aluno, para o aluno estudar. Então eu acho que tem essa diferença, de que a parte de aprofundar é por conta do estudante que tem que pegar o livro ou a pesquisa e aprofundar mesmo. Eles já não aprofundam igual acontece aqui nas aulas teóricas (Entrevistado 4).*

Uma abordagem mais prática e baseada na participação ativa dos alunos, até mesmo com o auxílio de plataformas virtuais, foi mais um aspecto evidenciado pelos participantes da pesquisa como diferente dos métodos de ensino do Brasil. Rosa (2014) afirma, em seus estudos, que a aprendizagem no exterior se dá em maior contato com a tecnologia quando comparada à no Brasil.

*Eles se baseiam mais na discussão, na resolução de problemas e também eu achei muito diferente o jeito que eles usam os recursos de tecnologia. Por exemplo, o moodle, eles usam lá também é o moodle. Eles usavam bastante. [...] antes de cada aula, tem um exercício pré-aula e, depois das aulas, tem um exercício pós-aula e, antes das aulas de laboratório e dos tutoriais, eles fazem uma introdução e um quiz para a gente fazer ou até mesmo um vídeo te explicando como vai ser a aula, como vai ser o laboratório [...] (Entrevistado 6).*

Um dos participantes percebeu uma maior valorização das técnicas em Odontologia na FO-UFMG. Para ele, há maior fragmentação entre os aprendizados teóricos e práticos na faculdade do Brasil, o que se contrapõe a um ensino prático mais conectado com a fundamentação teórica no exterior:

*O ensino, eu achei ele meio técnico na UFMG. Não que isso seja uma coisa negativa na UFMG, é uma coisa boa que a gente aprende, são muitos detalhes sobre Odontologia, que é praticamente técnica mesmo. Mas, lá na Universidade de Sydney, eu senti que o ciclo básico não ficava girando muito em torno da bioquímica, da fisiologia, isso era*

*tudo embutido em matérias que visavam à odontologia* (Entrevistado 3).

Os entrevistados relataram sentir-se academicamente preparados para estudarem na instituição de ensino exterior. O aprendizado na FO-UFMG foi comumente citado como o principal fator para o preparo para os estudos na instituição no exterior. No entanto, disseram que não estavam preparados para aulas em língua estrangeira, mesmo quando lecionadas em português lusitano, ante as diferenças linguísticas entre o português do Brasil e o de Portugal.

O medo de serem avaliados pelos falantes nativos é um dos fatores que pode dificultar os estudos de um intercambista no país estrangeiro (HELLSTÉN; PRESCOTT, 2004). Os relatos apontaram que o curso de idiomas foi importante para transpor a barreira e até mesmo para prepará-los para as diferenças acadêmicas da instituição de ensino no exterior. O curso de línguas é crucial na mobilidade internacional, especialmente por preparar o aluno não apenas quanto às competências da língua mas também por habilitá-lo a usá-la no meio acadêmico (ROSA, 2014).

Os estudantes citaram diferenças nas técnicas e protocolos, com relação às abordagens adotadas no Brasil, que poderiam afetar a biossegurança nos procedimentos odontológicos, além de uma demanda estética menor pelos pacientes do exterior. Um dos entrevistados apontou diferenças na atuação dos dentistas. Na opinião do estudante, foram adotados procedimentos no exterior que, no Brasil, seriam considerados extremos.

*Eu acho que a única coisa que me assustou um pouco era, por exemplo, eles tinham umas condutas que eu achava muito radicais [...]. Por exemplo, chegava um dente lá que você via que tinha condições de fazer uma coroa, um tratamento de canal, e, lá não, eles mandavam extrair o dente. Às vezes eu pensava assim, "mas é para extrair mesmo?" Ficava conversando com paciente, porque eu não achava correto tomar essa conduta, e o professor falando que era para fazer a extração logo* (Entrevistado 7).

Um dos entrevistados relatou também que os discentes no país de intercâmbio pareciam ter pouca habilidade para realizar cirurgias.

*[...] eu senti também que eles estavam despreparados. [...] Eles começam muito cedo, mas o aluno já estava no terceiro ano, assim, do meu ponto de vista já era para ter conhecimento suficiente para fazer o que ele estava fazendo. Era uma extração de um primeiro ou segundo*

*molar, e ele não sabia anestésias [...], teve muita dificuldade, inclusive ele pediu que eu o orientasse [...]* (Entrevistado 8).

Sobre a valorização profissional na área de odontologia nos países de intercâmbio, um participante que estudou na Universidade de Coimbra citou o reconhecimento da competência do cirurgião-dentista brasileiro em Portugal:

*[...] pacientes sempre achavam legal quando estavam sendo atendidos por mim, porque eu era brasileira, porque eles falavam que os melhores dentistas que tinham em Portugal eram brasileiros, são brasileiros, que estão lá, que foi uma época em que Portugal abriu as portas para os cirurgiões-dentistas que eram do Brasil [...]* (Entrevistado 7).

Esses dados apontados pelo Entrevistado 7 podem ter relação com a imigração de dentistas do Brasil para Portugal. Essa aproximação foi possível graças ao Acórdão Cultural de 1966, que, em seu art. 14, garantia o reconhecimento dos títulos acadêmicos e profissionais brasileiros em território português (SISTEMA CONSULAR INTEGRADO *et al.*, 1966). Posteriormente, o exercício de dentistas brasileiros que entraram em Portugal foi legalizado apenas até 31 de dezembro de 1993, o que dificultou a permanência dos que imigraram depois desse período (ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 1998).

### **Aspectos relativos ao campo profissional**

O contato dos estudantes com a vida profissional no exterior ocorreu por meio de estágios em clínicas odontológicas particulares, com contrastes entre a atuação do cirurgião-dentista do país de intercâmbio e aquela do profissional brasileiro.

*[...] no estágio [...] eu vi que a parte preventiva lá é muito grande [...], mas, ao mesmo tempo, eu acho que a gente se preocupa mais com a parte estética aqui [...] e lá, a questão da Odontopediatria é a que eu achei mais forte a diferença, porque, por exemplo, vem uma criança pra faculdade aqui, a gente tem que atender ela de todas as formas possíveis, [...] e lá eles não tocam na criança e tudo e eu já vi, por exemplo, uma criança estava com cárie mas não dava para atender, [...] então, eles receitaram um antibiótico* (Entrevistado 4).

Os estudantes também compararam as diferenças entre o perfil socioeconômico, etário e de demanda dos pacientes do Brasil e dos do país de intercâmbio. Segundo o Entrevistado 4,

os pacientes no país de intercâmbio demonstraram-se mais cientes quanto ao tratamento odontológico:

*[...] os pacientes lá [...] são muito mais interessados no sentido de saber o porquê de você estar fazendo isso, eles são muito mais preocupados [...]. Enquanto, eu acho que tem pacientes que chegam aqui [na FO-UFMG] [...] vão sendo encaminhados de uma clínica para a outra e muitas vezes nem sabem o que estão fazendo e nem perguntam o porquê (Entrevistado 4).*

Os relatos dos entrevistados mostram a natureza plural da experiência de mobilidade internacional, o que colabora para a ampliação da formação profissional dos estudantes que fazem intercâmbio.

### **Avaliações e sugestões ao aprimoramento do programa Ciência sem Fronteiras**

Foram frequentes as considerações positivas sobre o programa Ciência sem Fronteiras. Os entrevistados avaliaram-no como uma oportunidade para estudantes interessados na experiência de intercâmbio, independentemente da condição financeira. Estudar em outro país e internalizar conhecimentos para o aprimoramento pessoal e profissional, além de contribuir para o desenvolvimento do país de origem foram pontos importantes citados pelos estudantes, bem como a aprendizagem de línguas estrangeiras. Contudo, comumente os estudantes avaliaram como insuficiente o acompanhamento acadêmico dos intercambistas pelo programa enquanto estavam no exterior:

*Eu acho que o programa poderia [...] avaliar melhor quais foram os resultados do programa, do dinheiro que foi investido em você. Por exemplo, eu tive que apresentar alguns relatórios, quando eu cheguei [...], das notas, disciplinas cursadas, mas eu não recebi nenhum resultado sobre isso, ou seja, eu fiz disciplinas, fiz todo um relatório, só enviei as disciplinas e pronto. Ninguém enviou respostas sobre isso, então a impressão que a gente tem: [...] Isso valeu a pena? (Entrevistado 7).*

Outro ponto destacado pelos entrevistados foi a falta de orientação acadêmica tanto por parte do CsF como da FO-UFMG no momento anterior ao intercâmbio. Os estudantes consideraram que não receberam instruções sobre disciplinas que pudessem ser cursadas no exterior e integralizadas no currículo da FO-UFMG. Sobre a comunicação com o programa CsF, foram

frequentes os relatos apontando-a como insatisfatória. Os estudantes comumente disseram que era raro que fossem respondidos nos seus questionamentos.

As sugestões apontadas por eles para o aprimoramento do CsF foram: melhor preparação, acompanhamento e avaliação dos estudantes por parte do programa; melhor aproveitamento e valorização das experiências dos egressos do CsF no país de origem.

*[...] acho que as universidades brasileiras deveriam dar mais valor para esses alunos que foram para o intercâmbio, porque eu acho que tem só o que acrescentar, porque [...] a gente só está vindo com uma bagagem para acrescentar [...]. A gente pode também ajudar de alguma forma no desenvolvimento dos cursos das universidades (Entrevistado 7).*

As sugestões dos estudantes evidenciam o caráter ainda experimental do programa, que necessita de constante aprimoramento para ser melhor aproveitado pelos envolvidos nesse processo de ampliação da formação dos graduandos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O programa foi avaliado como importante oportunidade de ampliação da formação pessoal, acadêmica e profissional. Porém evidenciaram-se também aspectos a serem revistos e aprimorados.

O intercâmbio propiciou aos participantes a ampliação das perspectivas no modo de pensar e agir e das relações interpessoais, além de uma maior autonomia. Os entrevistados perceberam a formação acadêmica recebida no exterior como positiva, com ampliação dos conhecimentos e experiências estudantis. Profissionalmente, principalmente em estágios no país de intercâmbio, eles notaram variações no perfil e na demanda dos pacientes, bem como na atuação do profissional brasileiro e do estrangeiro.

O CsF foi avaliado como positivo para o aprendizado de outro idioma. Porém, os estudantes constataram que a comunicação entre as universidades de origem, o programa e o intercambista necessita ser aprimorada. Eles sugeriram melhor acompanhamento dos estudantes pelo CsF e maior valorização, no país de origem, dos conhecimentos adquiridos na experiência de intercâmbio.

Este estudo apresentou um universo de participantes limitado a um curso de Odontologia, necessitando ser ampliado para outros cursos de graduação. Nesse sentido, considera-se que estudos mais amplos são necessários para se compreender a dimensão do programa e seu impacto na formação dos graduandos, assim como para se garantir perspectivas de análises sobre seu funcionamento e alcance dos objetivos propostos nessa experiência inédita no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. Lei n.º 82/98, de 10 de dezembro de 1998. Altera o Estatuto da Associação Profissional dos Médicos Dentistas, aprovado pela Lei n.º 110/91, de 29 de ago. *Diário da República*, 10 de dez. 1998. n.º 284/, Série I-A. Disponível em: <<https://dre.pt/application/file/221211>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BHANDARI, R.; BLUMENTHAL, P. Global student mobility: moving towards brain exchange. In: BHANDARI, R.; LAUGHLIN, S. (Ed.). *Higher education on the move: new developments in global mobility*. New York: Institute for International Education, 2009. p. 1-14.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria interministerial n.º 1, de 9 de janeiro de 2013. *Diário Oficial da União*, seção 1, n. 8, Brasília: Imprensa Nacional, 11 jan. 2013. p. 24. Disponível em: <[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/MEC\\_MCTI\\_temas+prioritarios\\_Csf.pdf](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/MEC_MCTI_temas+prioritarios_Csf.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto n.º 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/Decreto7642-Csf.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BUBADUÉ, R. M. *et al.* Participação em programa de intercâmbio internacional: contribuições da experiência de graduação-sanduíche em Enfermagem. *Rev Enferm*, Santa Maria, UFSM, v. 3, n. 3, p. 555-562, set./dez. 2013.

ENSKÄR, K. *et al.* Lecturers' experiences of participating in an international exchange. *Nurs. Educ. Today*, Philadelphia, ago. 2011. Professional Development, p. 541-546.

HELLSTÉN, M.; PRESCOTT, A. Learning at university: the international student experience. *Intern. Educ. Journ.*, Adelaide, set. 2004. p. 344-351.

IPEA. Relações Brasil-Estados Unidos no governo Dilma: a agenda das visitas presidenciais oficiais em 2011 e 2012. *Boletim de Economia e Política Internacional*, Brasília, jul./set. 2012. *Boletim de Economia e Política Internacional*, p. 77-88.

LEE, N. J. The impact of international experience on student nurses' personal and professional development. *Int. Nurs. Rev. Genebra, International Council of Nurses*, v. 51, n. 2, p. 113-122, jun. 2004.

LOUREIRO, C. M. B. *"É possível uma educação para a paz?"*: a psicologia nas discussões sobre uma pedagogia pacificadora entre 1927 e 1934 na Europa. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ciência sem Fronteiras: o programa. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 5 abr. 2015a.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ciência Sem Fronteiras: graduação. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao>>. Acesso em: 5 abr. 2015b.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ciência sem Fronteiras: painel de controle do programa Ciência sem Fronteiras, 2016. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ciência sem Fronteiras: instruções. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/instrucoes>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

MUNGAZI, D. A. *Knowledge and the search for understanding among nations*. Westport: Praeger, 2001.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. S.; RAMOS, V. C. C. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. *Educ. & Soc.* Campinas, Unicamp, v. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008.

PURI, A.; KADDOURA, M.; DOMINICK, C. Student perception of travel service learning experience in Morocco. *Jour. Dent. Hyg.*, Chicago, ago. 2013. Research, p. 235-243.

ROSA, S. C. S. Graduação-sanduiche em enfermagem no Canadá através do programa Ciência sem Fronteiras: relato de experiência. *LiphScience*, Uberaba, UFTM, v. 1, n. 2, p. 101-117, out./dez. 2014.

SISTEMA CONSULAR INTEGRADO, MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, SGEB, CGPC, DAI. Acôrdio cultural entre o Brasil e Portugal, de 7 de setembro de 1966. Disponível em: <[http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1966/b\\_27/](http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1966/b_27/)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SPEARS, E. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. *Elet. Educ.*, São Carlos, UFSCar, v. 8, n.1, p. 151-163, maio 2014.

THE HOFSTEDE CENTRE. Country comparison, 2010. Disponível em: <<http://geert-hofstede.com/countries.html>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

THE UNIVERSITY OF SYDNEY. *Faculty of Dentistry*: doctor of Dental Medicine. Disponível em: <<http://sydney.edu.au/dentistry/study/dentistry/apply.php>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *FMUC, Faculdade de Medicina*: subunidades orgânicas. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fmuc/subunidadesorganicas>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

UNIVERSITY OF DEBRECEN MEDICAL SCHOOL. *University of Debrecen, Medical and Health Science Center*: Dentistry. Disponível em: <[http://edu.dote.hu/index.php?option=com\\_content&task=view&id=110&Itemid=67](http://edu.dote.hu/index.php?option=com_content&task=view&id=110&Itemid=67)>. Acesso em: 15 nov. 2015.

**Marcos de Oliveira Junior**

*Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2015. Atua como cirurgião-dentista em Belo Horizonte e região metropolitana.*

*mc2308@hotmail.com*

**Flávio de Freitas Mattos**

*Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1992, mestre em Odontologia pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1997 e doutor em Odontologia Restauradora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2001. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Odontologia, com ênfase em Odontologia Social e Preventiva, atuando principalmente nos seguintes temas: promoção da saúde, ensino, saúde bucal e saúde coletiva.*

*ff.mattos@uol.com.br*